

Ulysses, que apoiava Luiz Henrique, presidente da bancada

CORREIO BRAZILIENSE Bancada faz apelo 19 MAR 1987 a Luiz Henrique

O deputado Luiz Henrique não concordou em voltar atrás de sua decisão de se afastar da liderança do PMDB na Câmara, em face da derrota para o senador Mário Covas, nem mesmo diante de um apelo dramático que lhe fez o deputado Pimenta da Veiga, seu antecessor e grande sustentáculo na luta para liderar a bancada federal do partido.

Diante da intransigência de Luiz Henrique, que se retirou para seu apartamento prometendo dar entrevista coletiva à imprensa às 16 horas de hoje, os coordenadores de bancadas prepararam manifesto, a ser subscrito por todos os deputados do PMDB, fazendo um apelo para que o deputado catarinense permanecesse à frente da liderança do PMDB na Câmara.

O DOCUMENTO
O manifesto que está re-

LUIZ MARQUES



cebendo assinaturas é o seguinte: "Os deputados federais do PMDB na Câmara dos Deputados vêm, neste momento, reafirmar sua confiança na liderança que desempenha nesta Casa e entre seus pares o deputado Luiz Henrique.

Sua atuação, firme e responsável, nestes momentos iniciais de nossos trabalhos, indica que sua contínuidade é indispensável para o PMDB. Ainda formulamos, por este ato, nossa admiração ao trabalho que desenvolve, e continuará desenvolvendo, o líder Luiz Henrique, neste período de importantes definições para o País.

Câmara dos Deputados,
18 de março de 1987".

Apesar dos apelos e do manifesto em preparo, Luiz Henrique mantém-se irredutível na decisão de renunciar à liderança.

A primeira reunião de trabalho do líder

ANC 88 O partido se emocionou

Quando o senador Mário Covas deixou a tribuna do Auditório Nereu Ramos, às 12h30min, a bancada do PMDB, reunida para eleger o seu líder na Assembleia Nacional Constituinte, já não era a mesma de 20 minutos atrás. Estava emocionada.

Foi, na opinião de grande parte dos constituintes peemedebistas, um pronunciamento "denso, corajoso e honesto", baseado na disposição de que, "na minha idade, avô de dois netos, líder desse partido aos 35 anos, prefeito biónico da quarta cidade do mundo e senador eleito pelo povo de São Paulo, não me posso dar ao luxo de não dizer o que penso".

Ressaltando a postura sempre leal do presidente do PMDB, Covas criticou Ulysses Guimarães e o partido, pela eleição invertida das Mesas da Câmara e do Senado, antes da Mesa da Constituinte, aproveitando para atacar a acumulação de poder em mãos de uma única pessoa.

Foi também sob o ornamento de uma constatação elogiosa — a de que "não encontro no partido um quadro com a competência de Vossa Excelência" — que Mário Covas voltou a defender o afastamento de Ulysses Guimarães da presidência do PMDB, porque, "nesse momento, entre a competência sem tempo e a disponibilidade, acho que a disponibilidade serve melhor ao partido".

Sobre a questão da soberania, argumentou, "não se discute, se exerce". Condenou todo o processo que envolveu o assunto, começando por criticar a discussão do indiscutível, a sua negociação e, finalmente, a negação da soberania no Regimento Interno da Constituinte.

Aí virou-se — ele que se diri-

gia mais a Ulysses Guimarães — para o plenário e para a sua disposição de liderar o partido na Assembleia Nacional Constituinte, fundamentada na convicção de que o trabalho de elaboração constitucional precisa estar desvinculado do esquema governo/oposição. O líder na Constituinte, segundo Mário Covas, não deve e não pode ter assento no Conselho Político do Governo, assim como não deve existir, na Assembleia Nacional Constituinte, a Aliança Democrática. Porque, observou, "essa Constituição deve ser mais permanente que o tempo de duração de um governo".

Lembrou os nomes de grandes políticos com quem conviveu no Congresso Nacional, homens do quilate de Martins Rodrigues, Edgar Matta Machado, Pedroso Horta, o ex-presidente Tancredo Neves. "Vi homens cujos ossos são recuperados agora, como Rubens Paiva".

"Eu vi grandes homens" — continuou —, "mas vi um homem que, como ninguém, personificou a resistência. Vi-o, em Salvador, enfrentar patas de cavalos e dentadas de cachorros".

Contou ter ouvido, de diversos constituintes, o conselho para se afastar da disputa; porque é senador e paulista: "Fico sem saber se são qualidades ou defeitos. Mas são coisas das quais não posso me desvincular. Sou senador pela vontade do povo de São Paulo. Sou paulista porque meus pais me fizeram assim".

Também que não seria bonito um senador de oito milhões de votos perder uma eleição de líder de bancada: "Seria cômodo pendurar esse diploma na sala e me negar a qualquer confronto. Mas não seria digno, porque é preciso combater".